

OS DESAFIOS DO JORNALISMO CIENTÍFICO NA ERA TECNOLÓGICA DA AGRICULTURA

Cristina Carolina Fleck da Silva¹

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

RESUMO

O Rio Grande do Sul é uma das maiores potências agrícolas no país, sendo assim, é de interesse da comunidade saber o que está sendo estudado sobre o assunto. Diante disto, foi realizada uma análise das matérias publicadas durante a Expodireto Cotrijal 2014 no jornal Zero Hora, entre os dias 10 e 14 de março, para compreender como o jornal de maior circulação no estado tem abordado a divulgação da Ciência e Tecnologia no setor da agricultura. Buscando compreender se há a publicação de conteúdos científicos, este trabalho pesquisou literaturas existentes, especialmente o que diz Wilson da Costa Bueno e Fábíola Oliveira para contextualizar o assunto. Tendo como objetivo geral desta pesquisa a análise do jornalismo científico nas reportagens publicadas pelo ZH, pode-se concluir que, apesar de ter um caderno específico sobre a agricultura, o ZH utiliza muito pouco de fontes científicas, não sendo possível caracterizar um discurso científico. Verifica-se, ainda, que os desafios do jornalismo científico nesta era tecnológica da agricultura são muitos, porém, passíveis de serem implantados dentro de um veículo de comunicação.

Palavras-chaves: Jornalismo Científico; Divulgação Científica; Zero Hora; Campo e Lavoura;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, desenvolvido para a conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, trata sobre a divulgação do jornalismo científico no jornal Zero Hora, durante a Expodireto Cotrijal – considerada uma das maiores feiras agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul. Este estudo tem como problema de pesquisa análise sobre os materiais coletados, verificando se existe a divulgação da ciência e da tecnologia, no formato do Jornalismo Científico. A feira se destaca por apresentar muitas novidades tecnológicas ao produtor rural – seu público alvo – e demais visitantes.

Na Expodireto, a evolução no setor agrícola é evidenciada com o que há de mais recente em tecnologia em todos os setores da agricultura. Entretanto, cabe ressaltar a importância da divulgação, através da mídia, destes conhecimentos ao público leigo e não somente a profissionais da área. Por esse motivo, esta pesquisa visa compreender os desafios do jornalismo científico durante o pleno desenvolvimento da ciência e tecnologia na área da agricultura, usando como base uma análise das matérias publicadas no jornal Zero Hora durante a Expodireto.

¹ Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (UPF), pós-graduanda em Planejamento em Comunicação e Gestão de Crise de Imagens pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

Cotrijal 2014, realizada entre os dias 10 e 14 de março. O material que será analisado compõe o espaço agrícola do jornal, dentro do caderno Campo e Lavoura.

Esta pesquisa tem o intuito de verificar se nesta era tecnológica, vivenciada pelo setor agrícola, os veículos de comunicação produzem a informação através dos conceitos do jornalismo científico.

Com um estudo descritivo-analítico, será realizada uma pesquisa bibliográfica sobre jornalismo científico, através de uma revisão de bibliografia, onde serão abordadas as considerações do assunto tratado, entre elas a divulgação científica e o discurso científico. O presente trabalho traz uma contextualização da Expodireto Cotrijal e as publicações realizadas no jornal Zero Hora.

Ao final, será realizada a análise de uma amostragem das matérias no espaço do caderno agrícola, com base nos achados sobre o conteúdo de jornalismo científico, por diversos autores, como Fabíola de Oliveira (2012), Martha San Juan França (2005), Wilson da Costa Bueno (2013), Warren Burkett (1990), entre outros.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o jornalismo científico nas reportagens publicadas pelo jornal Zero Hora. São objetivos específicos: relacionar se existem no jornal matérias de cunho científico durante a Expodireto Cotrijal; compreender se nas matérias divulgadas são utilizados métodos do jornalismo científico e verificar o estado da arte para o jornalismo científico; delimitar e analisar uma amostragem das reportagens do caderno rural que abordam material da feira.

UM PAINEL SOBRE JORNALISMO CIENTÍFICO

O crescimento da ciência brasileira tem sido particularmente relevante nas últimas duas décadas, “levando o país a ganhar um papel de maior proeminência no cenário internacional, com aumento importante no número de artigos em periódicos científicos indexados” (MASSARANI; BAUER; AMORIM, 2013, p. 111). No entanto, essa divulgação científica não tem ganhado o mesmo espaço em jornais não científicos, e entre os motivos está a falta de qualificação profissional e interesse do veículo.

A ciência busca divulgar a verdade, uma vez que as descobertas são de importância para todos, gerando progresso e melhorias. Dessa forma, “a tentativa de passar o conhecimento científico para a sociedade de uma forma que ela aceite, aprove e absorva está na raiz do que se convencionou chamar de divulgação científica” (FRANÇA, 2005, p. 32). Para que isso aconteça, é importante que o jornalista científico busque o conhecimento para que haja a melhor compreensão do público.

A principal inquietação dos editores nas redações é compreender se há o interesse dos leitores na publicação científica. Nesse sentido, Burkett (1990, p.37) aponta que nos últimos quarenta anos os leitores considerados leigos têm demonstrado grande interesse por informações científicas. Isso mostra o quanto a divulgação da Ciência e Tecnologia é fundamental nos veículos de comunicação, uma vez que estes são os responsáveis pela informação de uma sociedade, além de influenciar diretamente na educação de jovens e adultos.

A divulgação da ciência, segundo França, fica associada à educação, com o intuito de despertar uma população sobre a importância de pesquisas científicas (2005, p.33). Nesse contexto, Burkett (1990, p. 5) descreve o divulgador científico como parte do sistema de educação, pois ele alcança tanto os cientistas quanto os não cientistas. Para ele, esta

redação científica educa adultos e também crianças sobre o mundo fora de sua realidade, ou seja, o aprendizado escolar.

Ainda de acordo com Burkett, existem diversos tipos de redatores científicos operando em diferentes níveis, que difundem a variedade do público de televisão, rádio e jornal e esse receptor exige muita seleção de conteúdo (1990, p. 18). Por esse motivo é comum dizer que há pouca divulgação da ciência por parte do jornalista, uma vez que os veículos menores acabam não tendo um profissional disponível para fazer estudar e conseguir essa tradução que deve ocorrer em todos os meios. Muitas vezes as informações dadas não correspondem exatamente àquilo que a pesquisa concluiu ou, pior ainda, o cientista que concedeu a entrevista não pode ser compreendido devido à linguagem utilizada. Por isso esta pesquisa visa apresentar se essa divulgação da Ciência e Tecnologia (C&T) está acontecendo.

Quanto ao dever do jornalista científico, França diz que ele precisa “aproximar a informação do entendimento, a simples curiosidade do aprofundamento e da investigação” (2005, p. 46). Isso faz com que o público tenha o entendimento mais próximo do real mesmo que o receptor deste conteúdo nunca tenha tido contato algum com o assunto (2005, p. 46). Por outro lado, a autora alerta que o jornalista científico não pode se deixar influenciar por interesses de cientistas, e sim divulgar a informação (2005, p. 46).

No Brasil, de acordo com França, quem escreve sobre a ciência é o jornalista, gerando uma certa preocupação dos entrevistados em relação ao conteúdo que será divulgado (2005, p.36). “Para eles, também era muito difícil ver aquela linguagem, aprimorada em anos de laboratórios e revistas científicas, transformada de modo a ficar ao alcance do “público médio”” (FRANÇA, 2005, p.36). As matérias que servem como material de análise na presente pesquisa deveriam usar as premissas do jornalismo científico por estarem divulgando a C&T, no entanto, se isto ocorre ou não, é o que queremos investigar neste estudo.

Hoje, sabe-se que os brasileiros se alimentam da mídia – televisão, rádio ou jornal – através dela as pessoas buscam informações mais exatas sobre o dia a dia. Em relação a isso, Ivanissevich (2005, p. 14) questiona sobre muitos cientistas que criticam a forma como a informação é repassada por profissionais da mídia. Este formato de comunicação não tem sido bem utilizado pelos jornalistas, pois a profissão em geral necessita do imediatismo, que muitas vezes acaba deixando de destacar pontos importantes da área da ciência. Em outras palavras, o jornalista científico não está exercendo aquilo que deveria, fazendo com que dúvidas surjam em seu receptor.

Apesar das dificuldades, Ivanissevich traz como necessidade um amplo conhecimento sobre diversos assuntos e que isso deve ser construído ao poucos pelos profissionais da área da comunicação (2005, p. 99). Para ela, o jornalista deve se familiarizar com os conteúdos para repassar a informação ao público da forma mais compreensível.

“A comunicação científica e a divulgação científica apresentam níveis de discurso diferentes, em consonância com as singularidades do público-alvo prioritário” (BUENO 2010, p. 3). Estabelecida a diferença entre a comunicação científica e a divulgação científica, Bueno diz que a função do jornalista é estabelecer no meio da comunicação uma linguagem científica, ou seja, aprender e buscar entender o que o cientista está querendo repassar e, após isso, traduzir esta informação para que os leigos no assunto também tenham o mesmo acesso à informação.

A comunicação, como produto de divisão social de trabalho, é uma mercadoria que, através da linguagem persuasiva, faz aflorar sua dimensão econômica (SILVEIRA, 1994, p. 49). Ou seja, a forma de comunicação científica pode abrir portas entre empresa/jornalista, pois é raro encontrar pessoas que sejam capacitadas a transformarem textos complexos em um comum, ou se preferir, de fácil compreensão do público.

Essa alfabetização deve fugir da concepção reducionista de ciência. Sendo assim, a notícia não pode ser limitada ao que acontece no presente, mas sim contextualizar fatos e resultados de pesquisa para garantir sua credibilidade. Diante disso, não se deve associar C&T apenas com a “expressão desinteressada e descomprometida do talento humano, mas vinculá-las a interesses, aos que as patrocinam e nelas investem para obter lucros, quando não para consolidar privilégios e monopólios” (BUENO, 2010, p. 08). Sendo assim, o que importa é tratar da necessidade das pessoas, de preferência, que a informação afete diretamente a vida delas.

Em outras palavras, a alfabetização científica, que deve estar prevista na divulgação da ciência, não pode servir de instrumento para distanciar os que produzem do cidadão comum. Ao contrário, precisa abrir espaço para aproximação e diálogo e, inclusive, convocar pessoas para debates amplos sobre a relação entre ciência e sociedade (BUENO, 2010). Oliveira (2012, p.22) aponta que existe uma demanda em potencial pela divulgação da ciência e isso mostra a necessidade de se empreender um trabalho de divulgação científica no Brasil, pois esse tipo de informação é determinante no contexto social, democratizando as novas descobertas científicas.

Entretanto, para que haja o jornalismo científico, segundo Oliveira, é necessário que o jornalista tenha conhecimento da ciência que está sendo apresentada a ele. Também destaca a importância de se manter o contato com fontes científicas, não de forma que ele se torne refém delas, mas para saber a continuidade das pesquisas e para manter o cidadão comum a par destes benefícios que ele pode reivindicar através da divulgação científica (2012, p. 44).

Outro ponto importante é de que o repórter deve ter muito cuidado para que não haja distorção dos dados e este risco é inerente na tarefa de comunicar ciência e até mesmo qualquer outro assunto. “Às dificuldades de interpretação e de edição pode-se acrescentar a variável tempo. Com certeza, ela tem significados diferentes para jornalistas e cientistas” (IVANISSEVICH, 2005 p. 18). Por este motivo, muitos cientistas têm se distanciado desta divulgação científica, em função do discurso utilizado.

“Há cientistas que, por receio de serem mal interpretados pelo jornalista [...] simplesmente se negam a conceder entrevistas” (OLIVEIRA, 2012 p.102). Por isso, destaca-se a importância da capacitação do próprio jornalista quanto ao assunto em que ele vai trabalhar, pois ele será o comunicador desta informação e deve fazê-lo bem feito.

Contudo, “ao contrário do que muitos pensam, o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de C&T, mas o conhecimento científico pode ser utilizado para compreender qualquer aspecto” (OLIVEIRA, 2012, p. 47). Diante disto, Oliveira diz que se torna possível que o jornalismo científico esteja presente em todas as editorias de um veículo de comunicação (2012, p. 47).

Temos vivenciado um momento importante rumo à conscientização sobre a relevância da ciência, tecnologia e agora inovação, no cotidiano do cidadão. Prova disso é a inserção dessa temática na grande mídia, seja impressa, nas páginas dos principais jornais e revistas, seja na televisão e no rádio, em noticiários e em

canais especializados ou nas páginas da web, onde se multiplicam sites, blogs e múltiplas outras formas presentes na rede para a comunicação da ciência. Além, evidentemente do crescimento acentuado, nas últimas décadas, de revistas especializadas em divulgação de ciência, tecnologia e mais recentemente, inovação. (PECHULA; GONÇALVES; CALDAS, 2013)

Com isso, diz-se que “a informação científica permite ao jornalista visão mais sistêmica e contextualizada dos fatos noticiosos, ao contrário da visão fragmentada e descontinuada que muitas vezes predomina no noticiário” (OLIVEIRA, 2012, p. 48). Ele é o responsável em transmitir essa informação e para que isso ocorra de uma forma correta, sem interesses ou influências, o comunicador está sempre buscando compreender mais sobre o assunto e isto faz com que ele de certa forma esteja à frente dos outros, pois tem uma visão mais ampla sobre assuntos da ciência.

Expodireto Cotrijal

A Expodireto é promovida pela Cotrijal - cooperativa de grãos que tem como missão “congregar esforços na produção, armazenagem, industrialização e comercialização, com base no Agronegócio, através de gestão profissionalizada e de forma competitiva, visando à satisfação dos Cooperados, Colaboradores e Clientes, com integração no desenvolvimento regional” (COTRIJAL 2014). Sua primeira edição ocorreu entre os dias 21 e 24 de março do ano de 2000 no município de Não-Me-Toque (RS) – também conhecida como a Capital Nacional da Agricultura de Precisão, pelos resultados de pesquisas desenvolvidas na região e utilizadas cada vez mais pelos agricultores. Ao todo, a feira contou com 114 expositores nas áreas de sementes, químicos e fertilizantes, máquinas e implementos agrícolas, pecuário de leite, suinocultura, entre outros e recebeu mais de 41 mil visitantes, movimentando mais de R\$ 21 milhões (EXPODIRETO COTRIJAL, 2014).



FONTE: Site ExpodiretoCotrijal/ Assessoria de Imprensa, 2014

Com resultados imediatos já na primeira edição, a feira foi comparada a eventos tradicionais como Agrishow (SP) e Coopavel (PR) (EXPODIRETO, 2014). Além disso, também se destacou pelos debates relacionados à agricultura, pecuária e agronegócio, através de reuniões específicas que ocorrem até hoje.

Desde então a cooperativa trabalhou para consolidar a Expodireto como uma das grandes feiras nacionais de tecnologia e negócios, já atingindo este objetivo na sua segunda edição.

Ainda na segunda edição, que ocorreu nos dias 20 a 23 de março de 2001, o seu encerramento contou com a presença do então ministro da agricultura Marcus Vinicius Pratini de Moraes que, já naquela época, classificou a feira como uma das principais do país (EXPODIRETO, 2014).

A partir de então, com a feira já consolidada, a organização da Expodireto amplia, no ano de 2005, o período de realização da feira para uma semana de visitação e negócios. Além dos volumes em negócios, a feira se torna também palco de grandes debates, auxiliando na qualificação do homem do campo. Neste ano também o governador do estado do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, prestigiou a feira, dando visibilidade para todo o estado e também o país (EXPODIRETO, 2014).

Ainda no ano de 2005, a presença de presidentes de empresas internacionais ajudaram a engrandecer o evento. Nesta edição, os espaços para a família rural e meio ambiente foram aprimorados e a cada ano vêm surpreendendo os visitantes também pela qualidade que é exposta na feira (EXPODIRETO, 2014).

A feira só cresceu e isso tem a ver também com o aumento do agronegócio no país. “O agronegócio tem grande importância na economia brasileira e mundial, principalmente devido aos vários agentes envolvidos no sistema, que faz com que haja uma sequência de atividades, geradoras de riqueza entre os elos da cadeia [...] PIB do agronegócio teve participação de 22,74% no total do PIB brasileiro” (SILVA, 2012, p. 24).

A questão do agronegócio está cada vez mais crescente na economia do Brasil, e estes números tiveram acréscimos interessantes graças às tecnologias que são apresentadas.

Nos últimos 20 anos, os níveis tecnológicos alcançados pelos produtores rurais brasileiros atingiram patamares expressivos que podem ser mensurados pelo aumento da produtividade no campo. Isso explica, por exemplo, o fato de o Brasil ter conseguido dobrar a produção de grãos para os atuais 100 milhões de toneladas, em relação à colheita de 50,8 milhões de toneladas obtida no início da década de 80, com a mesma área plantada. Este desempenho no campo só foi possível graças à utilização de insumos – basicamente sementes, adubo e agrotóxicos – de primeira linha disponíveis para o setor (GUANZIROLI, 2006, p. 3).

No decorrer dos anos a Expodireto Cotrijal foi o palco de grandes debates e lançamentos nas mais diversas áreas tecnológicas da agricultura. Seu sucesso também deve-se à agricultura de precisão que surgiu já no ano 2000, mas que teve sua ascensão em 2011 e segue até hoje.

Entre as discussões de fóruns e seminários realizados dentro da feira, um dos grandes destaques foi a do ano de 2003, onde foram debatidas as leis dos transgênicos no Estado. O então governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, esteve presente na abertura oficial da Expodireto junto do ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, quando defenderam a utilização de sementes geneticamente tratadas (ECOIA, 2003). Nesta edição, uma ampla discussão foi levantada durante a feira, porém os veículos de comunicação tiveram dificuldade em tratar do assunto, uma vez que havia poucos profissionais dispostos a falar sobre o mesmo, isso se comprova pelo pouco conteúdo publicado na época.

Nenhuma edição digital do ano em questão traz a informação de forma aprofundada, apenas trata do assunto como uma polêmica.

A abordagem do tema na época trouxe tranquilidade aos agricultores, já que muitas sementes eram contrabandeadas da Argentina e plantadas em solo gaúcho. Porém, novos questionamentos vieram sobre essa nova tecnologia. Até hoje muito se pergunta sobre o uso de transgênicos, principalmente seus efeitos na vida humana, o que a grande mídia ainda tem dificuldades de abordar, passados mais de 10 anos do início da discussão.

O autor Wilson Bueno defende que todos devem ter acesso ao mesmo tipo de informação, ou seja, nada é tão complexo que não possa ser compreendido pela massa e não somente por estudiosos. Tratando sobre os transgênicos em específico, Bueno (2004) critica a visão de empresas que visam somente o lucro e não se preocupam com o meio ambiente. Além disso, Bueno se mostra preocupado com a maneira com que grandes profissionais que se dizem responsáveis aceitam o uso desta nova tecnologia, sem questionar os riscos para a saúde.

Esse tipo de influência de empresas multinacionais é que preocupa o autor e o faz questionar até que ponto a população deve aceitar pesquisas desenvolvidas pelo Governo ou até mesmo de empresas. Para ele, “a sociedade não pode abrir mão de seu direito de ser informada e de participar também do processo de tomada de decisões. A mídia, por sua vez, tem o dever de contribuir para que o debate seja plural, sem monopólios ou privilégios” (BUENO, 2004) o que, para ele, não tem ocorrido.

Além dos transgênicos, a Expodireto apresentou outras tecnologias como as realizadas por centros de pesquisas como Embrapa e Emater, além de empresas privadas. A tecnologia esteve presente não somente em máquinas. Nesta edição de 2014 foram apresentadas muitas inovações nos serviços aos produtores, que puderam conhecer de perto a praticidade dos aplicativos para celular e tablet.(Anexo 1)

A consolidação da feira tem sido motivo de orgulho para a Cotrijal, que a cada ano trabalha para trazer especialização aos agricultores, sejam eles de grandes propriedades ou de cultura familiar.

CADERNO CAMPO E LAVOURA

O caderno Campo e Lavoura começou nos anos de 80 como matérias especiais da Expointer em Esteio, e tinha circulação anual. Com o passar do tempo, os editores perceberam a procura pela informação do campo e grande demanda de publicidade para o público da área rural. O Zero Hora passou então a publicar o caderno como um informativo semanal.

Neste ano de 2014, o Campo e Lavoura completa trinta anos dentro do Zero Hora. De acordo com Albarello e Weber (2010), o caderno iniciou sua circulação no dia 26 de outubro de 1984, há exatos 24 dias do famoso Grito do Campo – movimento que reuniu cerca de 40 mil produtores rurais gaúchos no estádio Beira Rio, em Porto Alegre, reivindicando mudanças nas políticas agrícolas.

inserção (social, informativa) de um segmento da população do Estado que residia e trabalhava na zona rural. Além disso, com o avanço do agronegócio, os leitores do meio rural formaram um nicho de mercado crescente, visto que a economia do Rio Grande do Sul é voltada para a agropecuária. (PIPPI, 2005, p. 13)

O suplemento informativo Campo & Lavoura, desde o ano 2000, é abastecido de notícias e matérias jornalísticas produzidas pela Central Multimídia RBS Rural, atendendo o setor de agronegócio na empresa.

Em 2002, houve uma integração da estrutura do jornalismo rural, reunindo profissionais de TV, rádio, jornal e Internet, com produção unificada e linha editorial comum. A pauta escolhida para a produção é distribuída para os diferentes veículos da empresa comprometidos com a informação do homem do campo. Isso faz com que o caderno possua uma versão on-line que reproduz, em parte, a pauta do suplemento impresso veiculado e da TV (PIPPI, 2005, p.13).

Conforme Paludo, o caderno possui núcleos de correspondentes no interior do Estado, na Região de Passo Fundo e Erechim, Rio Grande e Pelotas (2012, p.30). Muitas pautas surgem a partir dos correspondentes, por estarem em contato direto com os produtores rurais.

De acordo com entrevista concedida para Paludo à editora do suplemento, Gisele Loeblein, o Campo e Lavoura tem um espaço chamado “do dia” que está junto da editoria de economia, que circula todos os dias, com exceção do domingo (2012, p. 30). Este é o único espaço dedicado a agricultura no jornal, quanto a divulgação da ciência e tecnologia o ZH não costuma disponibilizar um espaço especial a estas editorias.

CONCEITOS DO JORNALISMO CIENTÍFICO DE WILSON BUENO

A divulgação da Ciência e Tecnologia tem ganhado espaço nos meios de comunicação de todo o mundo, “uma análise mais acurada desta presença na mídia revela, no entanto, que nem sempre o tom das manchetes destaca o caráter emancipador da ciência e da tecnologia; pelo contrário, alimenta suspeitas contra empresas, universidades e mesmo cientistas, acusados de privilegiarem, na produção e na divulgação de suas pesquisas, interesses políticos, econômicos, comerciais ou pessoais” (BUENO, 2014). Para evitar que isso aconteça é necessário que os jornalistas científicos tenham uma base de alguns critérios a serem utilizados para evitar que o conteúdo que está sendo publicado seja realmente de interesse público e não para benefício de alguém.

Além disso, cabe lembrar que “a aceleração da mídia, potencializada pelas novas tecnologias, tem acarretado novos desafios para a divulgação científica, na medida em que relega a qualidade e a precisão da informação jornalística a um segundo plano” (BUENO 2014).

Ao todo, são apresentados sete conceitos que serão explicados na tabela a seguir e que são base da pesquisa em questão.

Nº	Conceito	Descrição
01	Decodificação do discurso científico	Tornar a ciência acessível para o universo comum dos mortais
02	Embate	Este nem sempre tranquilo entre pesquisadores/cientistas e jornalistas. Há muitos conflitos em relação a divulgação da ciência, pois o cientista na maioria das vezes não consegue aceitar que sua pesquisa seja “traduzida” ao público leigo
03	Sigilo	Muitos pesquisadores têm o controle das informações e não divulgam os resultados de sua pesquisa. É de conhecimento de todos que é obrigação deste cientista divulgar o conhecimento por ele obtido para os veículos de comunicação para que este seja repassado à população.
04	Controle de Informação Científica	Os conhecimentos adquiridos por cientistas, principalmente os que utilizam de recurso público para ocorrer, devem ser repassados à comunidade para que não haja um controle das informações. É dever do cientista publicar e informar a todos sobre as descobertas que influenciam no cotidiano de uma sociedade
05	Contextualização	O jornalista deve contextualizar os fatos e descobertas através de anúncios feitos pelos cientistas.
06	Relação Imprensa x Cientista	A busca pelos conglomerados da comunicação por parceiros para seus negócios ou mesmo para sustentar seu ritmo de crescimento abre espaços para influências nem sempre desejáveis na produção das notícias. Somadas aos interesses (sua opção política, sua visão de mundo etc) dos donos dos veículos, estas influências acabam desviando a cobertura de sua verdadeira função, contribuindo para um processo cada vez mais ostensivo da manipulação pública.

Fonte: Wilson da Costa Bueno, 2014.

Bueno traz a questão da visão moderna que vive a ciência e a tecnologia na atualidade, onde são tratadas como mercadorias e isso “tende a desmistificar a perspectiva secular que as associava ao interesse público, como se estivessem a serviço da humanidade, identificadas com a noção de progresso” (BUENO, 2013). E isso, conforme Bueno, deve ser analisado pelo jornalista científico, pois é comum que empresas privadas e governamentais tomem conta da C&T para garantir regalias.

A partir desta preocupação, o autor garante ser possível a identificação dessa “perspectiva predadora e monopolista da ciência e da tecnologia” como denomina o autor, em relação aos ditos “a serviço de”. “A contrapartida do chamado progresso técnico é, quase sempre, o monopólio, a exclusão e a espionagem” (BUENO, 2013). Por isso, Bueno (2013) trabalha com a importância de um jornalista bem informado para evitar que pessoas que se dizem divulgadores da ciência sejam na verdade divulgadores de interesses privados, que têm sido comum nos veículos de comunicação.

No entendimento de Hernando (1970), o grande desafio do divulgador científico ou do jornalista científico é a busca contínua pela harmonia entre ciência e compreensão popular. O jornalista precisa ter conhecimento sobre as grandes questões da ciência e os cientistas, por sua vez, devem perceber os problemas pelos quais passa o produtor de informação na hora de realizar seu trabalho. Diante disso, é inevitável dizer que “a

divulgação científica, e o jornalismo científico, precisam estar mais politizados, incorporando outras vertentes além da meramente técnica (na verdade, pretensamente técnica) para que não sejam utilizados como espaços de consolidação de monopólios e cartéis de toda ordem” (BUENO, 2013).

Contudo, Bueno destaca a existência de cientistas que realmente são comprometidos “com a aventura da ciência, com a democratização do conhecimento e que não se prestam a este jogo sujo de privilégios” (BUENO, 2013) e este serviço deve ser sempre pensado no coletivo, ou seja, o jornalista científico deve estar livre de pressões de empresas e governos.

Para esta pesquisa foram analisadas as seguintes matérias:

Tabela 2 - Amostragem do Jornal Zero Hora para análise

Data	Reportagem
10/03	Campo vai às compras: estabilidade saudada na Expodireto
11/03	Um pibão para equilibrar o RS
12/03	Uma nova bandeira
13/03	Pibão e uma nova supersafra
14/03	Boas perspectivas para safra ajudam a animar as vendas
14/03	Com tecnologia e baixo custo
14/03	Nigéria pretende exportar arroz utilizando mão de obra gaúcha
14/03	Gigante de grãos se encolhe em logística.

Fonte: Cristina C. Fleck da Silva, 2014.

A partir desta análise é possível dizer que das oito matérias analisadas no jornal Zero Hora durante a Expodireto Cotrijal esta pesquisa conclui que somente duas delas se encaixam nos conceitos do Jornalismo Científico de Wilson Bueno.

Tabela 3 – Conclusão de matérias científicas no *Zero Hora*

Divulgação Científica	Sem divulgação Científica
Um pibão para equilibrar o RS	Campo vai às compras: estabilidade saudada na Expodireto
	Uma nova bandeira
Pibão e uma nova supersafra	Boas perspectivas para safra ajudam a animar as vendas
	Com tecnologia e baixo custo
	Nigéria pretende exportar arroz utilizando mão de obra gaúcha
	Gigante de grãos se encolhe em logística

Fonte: Cristina C. Fleck da Silva, 2014.

A partir desta tabela é possível concluir que apenas 25% das matérias analisadas se encaixam no que prevê os conceitos de Bueno, isso comprova a deficiência da redação na divulgação da C&T. Isto porque os outros 75% se quer abordam a ciência e a tecnologia no seu contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o final desta pesquisa sobre a análise de conteúdo das matérias publicadas no caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora dos dias 10 a 14 de março de 2014, pode-se afirmar que o suplemento destina um espaço muito pequeno – quase inexistente – às informações científicas baseadas na Expodireto.

O jornalismo científico dificilmente é encontrado na redação com base no que foi analisado. Apesar de cada vez mais profissionais estarem sendo capacitados para auxiliar na divulgação da C&T, os veículos encontram-se acomodados com o comum e deixando que a ciência acabe esquecida nos meios de comunicação.

A comunicação serve como orientadora de uma sociedade, que através dos meios de comunicação expõe suas ideias. Sendo assim, a comunicação rural tem como objetivo estimular os assuntos ligados à agricultura através de uma linguagem acessível. Mesmo sendo notória essa preocupação com a escrita, o jornal não busca expor ao leitor as inovações científicas e tecnológicas, fazendo com que as matérias publicadas não tenham um destaque de cunho científico, demonstrando a ausência do jornalista científico. Desta forma, ao contrário do que se esperava, nota-se que o maior jornal de circulação estadual e de maior influência no Rio Grande do Sul não mostrou preocupação em aprofundar o conteúdo para o científico.

Em grande parte do material analisado são raros os especialistas consultados pela redação, em grande parte são pessoas “comuns” que acabam colaborando com alguma informação. Outro fator é a utilização das entrevistas com os profissionais da ciência que aparecem em segmentos breves e que nem sempre caracterizam uma matéria científica.

Os conteúdos ligados também à economia tiveram como fontes pessoas ligadas a instituições de ensino, empresas de pesquisa, instituições, federações e sindicatos. Em comparativo às demais, o agricultor é utilizado como fonte principal – ou aquele que está ligado ao campo. Embora esse seja considerado um diferencial, percebe-se que as instituições de pesquisa têm perdido espaço, tanto no suplemento diário quanto no caderno semanal.

Após ler e analisar as matérias publicadas durante a Expodireto de 2014, conclui-se que o Caderno Campo e Lavoura e as inserções diárias do jornal Zero Hora oferecem sim uma linguagem simples, mas nem por isso se caracterizam como jornalismo científico. A ausência de profissionais da área da ciência faz acreditar que ainda há um certo receio do jornalista em buscar estas fontes, uma vez que elas podem tornar o assunto complexo conforme o entendimento do jornalista.

Muito foi questionado nesta pesquisa sobre o espaço dados em jornais diários para a divulgação da ciência e, a partir dela, foi possível notar que ele ainda é muito pequeno. Isso pode ser justificado pelas redações diminuídas - já que o ZH disponibiliza somente de dois profissionais para a cobertura da feira - o que torna mais difícil a dedicação de um profissional para divulgar a ciência, já que esta necessita uma dedicação quase que exclusiva. Pode ser também o receio, não do cientista, mas sim do jornalista, em buscar estas fontes científicas, pois pode tornar o assunto complexo demais para o público leigo. Ou ainda a influência do patrocínio que está cada vez mais próximo dos jornais e que acaba impedindo que novas pesquisas de cientistas que não estão ligados a estes apoiadores não tenham espaço para divulgar suas pesquisas.

Por fim, considerando todos os aspectos levantados, acredito que não há de dizer que o Caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora fez uma divulgação da Ciência e Tecnologia existente na Expodireto Cotrijal de 2014. Apenas inseriu temas ligados à agricultura e em algumas situações, economia, sendo que os especialistas não tiveram espaço para divulgar estudos ou pesquisas. A ausência destes profissionais comprova que os desafios do jornalismo científico nesta era tecnológica da agricultura são muitos, porém deve se iniciar um estudo dentro do próprio veículo para entender porque essa divulgação

não está ocorrendo e fazer com que as pessoas tenham conhecimento do que está sendo estudado para auxiliar no bem estar de todos.

Tudo isto nos leva a afirmar, também, que a dimensão e a importância da Expodireto, somado ao fato de o estado do Rio Grande do Sul ter sua economia baseada na produção primária, mereceria uma cobertura mais qualificada do ponto de vista do jornalismo científico. Com toda a tecnologia oferecida ao imenso público que frequenta a feira, incluindo aí a cobertura da imprensa nacional e internacional, cria-se uma oportunidade excepcional de informar verdadeiramente o público sobre os propósitos da referida tecnologia, ou seja, se ela apenas visa lucro e competitividade na lavoura ou se de fato preocupa-se com o homem e com o meio ambiente. O teor deste tipo de discussão é justamente da essência do jornalismo científico, que busca não apenas a tradução de um discurso científico para um discurso jornalístico, mas também nossa inserção no debate do modelo de ciência e tecnologia que buscamos para o nosso país, mais ainda num setor tão importante quanto a agricultura. Afirmamos, então, que este foi um grande legado que esta pesquisa nos deixou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBARELLO, Tiago Marcelo; WEBER, Andrea. **Análise inserção da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul no caderno Campo & Lavoura no jornal Zero Hora**. 2010. Disponível em: <http://decom.cesnors.ufsm.br/tcc/files/2010/10/tiago.pdf>. Acessado em 23 de outubro de 2014.

BUENO, Wilson Costa. **Comunicação científica e divulgação científica**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6585/676>. Acesso em 23 de março de 2014.

BUENO, Wilson Costa. **O Jornalismo Científico e o compromisso das fontes**. Portal do Jornalismo Científico, São Paulo, 2004. Acessado em 24 de outubro de 2014.

BUENO, Wilson Costa. **Transgênicos é coisa só para cientistas?**. Portal da Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente, São Paulo, 2004

BUENO, Wilson Costa. **O Jornalismo Científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória**. In: Cristiane de Magalhães Porto. (Org.). Difusão e Cultura Científica: alguns recortes. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. , p. 113-125.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

COTRIJAL. Cotrijal. Valores. Disponível em: <http://www.cotrijal.com.br>. Acessado em 13 de novembro de 2014.

IVANISSEVISCH, Alicia. **A mídia como interprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo**. In: BOAS, Sérgio Vilas. Formação & Informação Científica: Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo – SP: Summus, 2005.

EOA. **Ecoa: em defesa da vida**. 2004. Disponível em: <http://www.riosvivos.org.br/Noticia/Rigotto+defende+regulamentacao+dos+transgenicos/829>. Acessado em 13 de novembro de 2014.

EXPODIRETO COTRIJAL. **ExpodiretoCotrijal: feira internacional.** História, edição 2000 até edição 2013. Disponível em: <http://www.expodireto.cotrijal.com.br>. Acessado em 13 de novembro de 2014.

FRANÇA, Martha San Juan. **Divulgação ou jornalismo? Duas formas diferentes de abordar o mesmo assunto.** In: BOAS, Sérgio Vilas. Formação & Informação Científica: Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo – SP: Summus, 2005.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUANZIROLI, Carlos Enrique. **Agronegócio no Brasil: perspectivas e limitações.** Universidade Federal Fluminense Faculdade de Economia. Niterói – RJ. Disponível em: http://www.uff.br/econ/download/tds/UFF_TD186.pdf. Acessado em 13 de abril de 2014.

JORNAL ZERO HORA: Porto Alegre, 10 março. 2014

JORNAL ZERO HORA: Porto Alegre, 11 março. 2014

JORNAL ZERO HORA: Porto Alegre, 12 março. 2014

JORNAL ZERO HORA: Porto Alegre, 13 março. 2014

JORNAL ZERO HORA: Porto Alegre, 14 março. 2014

MARANGNON, Benedito. **O papel da Comunicação na Extensão Rural: Uma abordagem para o momento presente.** In: ARAÚJO, José Geraldo F. I seminário de Comunicação rural: A comunicação rural perspectivas atuais e futuras. Campinas – SP: Centro de Comunicação Rural, 1994.

MASSARANI, Luisa; BAUER, Martin W.; AMORIM, Luís. **Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova ‘onda’ no jornalismo científico no Brasil?.** Comunicação & Sociedade, v. 35, n. 1, p. 111-129, 2013.

PALUDO, Silvana Márcia. **Análise das culturas de inverno no jornal Zero Hora em 2014.** 2012. Disponível em: http://repositorio.upf.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/193/PF2012Silvana_Marcia_Paludo.pdf?sequence=1 Acessado em 23 de outubro de 2014.

PECHULA, Márcia Reami; GONÇALVES, Elizabeth; CALDAS, Graça. **Divulgação científica: discurso, mídia e educação. Controvérsias e perspectivas.** Disponível em: <file:///C:/Users/Rafael/Downloads/244-532-1-PB.pdf>. Acessado em 13 de março de 2014.

SILVA, Devanildo Braz da. **Sustentabilidade no agronegócio: dimensões econômica, social e ambiental.** Comunicação e mercado/ UNIGRAN. Dourados – MS. Disponível em: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/3/3.pdf>. Acessado em 13 de abril de 2014.

SILVEIRA, Miguel Ângelo. **Rumos da pesquisa em comunicação rural: Para onde ir?** In: ARAÚJO, José Geraldo F. I Seminário de Comunicação rural: A comunicação rural perspectivas atuais e futuras. Campinas – SP: Centro de Comunicação Rural, 1994.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico.** 3. ed. São Paulo – Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. **Questões metodológicas da comunicação rural: notas para um debate.** In: SILVEIRA, Miguel Ângelo da; CANUTO, João Carlos. Estudos da Comunicação Rural. São Paulo – SP. Loyola, 1988.

PIPPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação: Interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades.** Santa Maria. Dissertação, 2005.

POLIS, Pesquisa. **Pólis PesquisA.** Qualitativa. 2014. Disponível em: <http://www.polispesquisa.com.br/qualitativa.php>. Acessado em 13 de novembro de 2014.

QUEIROZ, Adolpho Carlos Françoso. **A pesquisa em comunicação no Brasil: As contribuições da Intercom.** In: ARAÚJO, José Geraldo F. I Seminário de Comunicação Rural: A comunicação rural perspectivas atuais e futuras. Campinas – SP: Centro de Comunicação Rural, 1994.

ROZA, D. **Novidade no campo: Geotecnologias renovam a agricultura.** Revista InfoGEO, n 11 - jan/fev, 2000. Disponível na Internet. http://www.infogeo.com.br/Revista/materia_11.htm. Acessado em 13 de abril de 2014.